

Ensaio Fotográfico

Semear um bom jardim: ritos de memória e de mobilização comunitária em defesa da vida nas periferias de Fortaleza

Daniel Paiva de Macêdo Junior¹

Resumo:

A quinta edição da Caminhada pela Paz, ocorrida em 2018 no território do Grande Bom Jardim, em Fortaleza, se constituiu em mobilização comunitária em ritos de memória e em agendamentos por uma política popular de segurança pública possíveis em razão da articulação de instituições, movimentos sociais e militantes da sociedade civil. Envolvido com o processo de organização desta edição, pratico dinâmicas sob inspiração antropológica em Magnani (2002) ao realizar inscrições fotográficas como parte de minha experiência ao me somar ao conjunto de manifestantes e, nisto, elaborar pesquisa a partir das aproximações em detrimento dos distanciamentos e pretensas isenções que ancoram o fazer jornalístico. Assim, este trabalho congrega imagens urgentes em encontros possíveis com outros agentes que, juntos, caminhavam comigo pelo direito à vida nas periferias. Deixei que a caminhada me guiasse ao tecer, em linguagem visual, outra lógica de saberes e de política ao convergir experiências sob os signos das ruas e dos becos.

Palavras-chave: Mobilização comunitária; Fotografia; Fortaleza; Grande Bom Jardim.

Sowing a good garden: rites of memory and community mobilization in defense of life on the outskirts of Fortaleza

Abstract:

The fifth edition of the Walk for Peace, held in 2018 in the territory of Grande Bom Jardim, in Fortaleza, consisted of community mobilization in rites of memory and scheduling for a popular public security policy, possible due to the articulation of institutions, social movements and civil society activists. Involved with the process of organizing this edition, I practice dynamics under anthropological inspiration in Magnani (2002) when carrying out photographic inscriptions as part of my experience in adding myself to the group of protesters and, in this, developing research based on approximations to the detriment of distances and alleged exemptions that anchor journalistic work. Thus, this work brings together urgent images in possible encounters with other agents who, together, walked with me for the right to life in the suburbs. I let the walk guide me by weaving, in visual language, another logic of knowledge and politics by converging experiences under the signs of the streets and alleys.

Keywords: Community mobilization; Photography; Fortaleza; Grande Bom Jardim.

¹ Doutorando em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista da CAPES e pesquisador no Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência. Contato: daniel.3macedo@gmail.com

829 adolescentes foram mortos no Ceará em 2018. A cada semana daquele ano, o luto tomava forma na experiência de 16 famílias que enterravam adolescentes. O número é especialmente expressivo em Fortaleza, que teve aumento de 90, 32% de homicídios contra meninas em comparação ao ano anterior segundo dados da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Estado, conferidos no Relatório de atividades do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (ALCE, 2019).

A sociedade civil, por sua vez, é parte interessada e atuante junto aos trabalhos do Comitê na medida em que a vida de crianças, adolescentes e jovens das periferias é pauta histórica de movimentos sociais articulados em fóruns e em redes. Contudo, as ações de incidência política não se restringem em articulações no legislativo e se ampliam em práticas de diálogo comunitário, de mobilização popular e de convocatória para participação social.

Dentre as iniciativas articuladas pela sociedade civil em 2018, esteve a realização da V edição da Caminhada pela Paz congregando o conjunto de iniciativas sociais e de organizações políticas no território do Grande Bom Jardim para manifestação de uma agenda popular em defesa da vida e dos direitos humanos. Ocorrido no dia 30 de maio, o ato de rua é uma pulsão de diálogo e se conforma como um instrumento de organização popular ao congregar distintos sujeitos políticos de intervenções singulares em torno de uma agenda comum.

A manifestação política, neste caso, se orienta à comunicação social na medida em que rompe cotidianos nas ruas e nos becos do território instaurando outros signos de leitura sobre as experiências possíveis na cidade ao confrontar a agenda política que, de outro modo, teria menos espaço de atenção. Por isso, a escolha do ato como formato de circulação das pautas e o itinerário percorrido não devem ser tomados como triviais; uma vez que se constituem em dinâmicas planejadas para possibilitar comunicação, orientando conteúdo e definindo público-alvo.

Nesta edição, o ato ocorre no Grande Bom Jardim. Esta é uma demarcação identitária em torno do processo de ocupação popular do que hoje são os

bairros Granja Lisboa, Granja Portugal, Bom Jardim, Canindezinho e Siqueira situados na periferia de Fortaleza que, juntos, reúnem uma população de 211 mil habitantes e onde se articulam mais de trinta (30) organizações populares para promoção e defesa de direitos em torno da Rede de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável – Rede DLIS como destaca Almeida (2018, p. 35). O ato se orienta, assim, a dialogar com a população de sujeitos diretos das demandas; fazendo-se como um convite a aderir a agenda popular de segurança pública reivindicada.

Em 2018, atuei como assessor de comunicação no Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza - CDVHS, instituição criada em 1994 a partir de um processo de mobilização das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs da Área Pastoral do Grande Bom Jardim em torno das lutas comunitárias para minimizar ou suplantar graves problemas sociais que afligiam as crianças, adolescentes, homens e mulheres habitantes da região (FREITAS et al., 2018, p. 196). Em aliança com a Rede DLIS, com o Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente – CEDECA/CE, com o Fórum Permanente pelos Direitos de Crianças e Adolescentes e com as organizações e movimentos sociais de Fortaleza que se articulam nestas iniciativas, pude acompanhar de perto e de dentro o processo de articulação desta edição da caminhada.

Durante o ato, realizei inscrições fotográficas em razão de minha intrínseca relação diante da espacialidade e da movimentação comunitária. Logo, este exercício me convoca a despir-me de pretensas isenções e distanciamentos inerentes ao imaginário da atuação jornalística para conformar olhares atravessados e politicamente interessados como parte dos que ali se articulam. Em que pese meu tato de pesquisador, fotografo a Caminhada pela Paz como sujeito político sob inspiração antropológica em Magnani (2002) que propõe a prática do território como gesto para ver sentidos outros sobre as espacialidades e, assim, tomando a fotografia como inscrição das afetações, como dinâmica de composição partilhada com a cidade e com os outros que interagem na construção da poética, como propõe Martins (2016) ao discutir as dimensões sociológicas e antropológicas das imagens.



Fotografia 01. Caminhada pela Paz nas ruas do Bom Jardim

Empunhando cruzes, o ato se faz como um rito de memória ao inscrever os entes queridos que as famílias perderam ao longo dos anos vítimas da violência pública e do extermínio à juventude negra; mas também como um rito de desejos ao registrar

sentimentos e aspirações ao símbolo messiânico. Ainda que sem palavras, encontro nas cruzes erguidas por distintos sujeitos a imagem-força que congrega a mobilização comunitária.



Fotografia 02. Empunhando cruzes, o ato ganha forma



Fotografia 03. Rafael, Vandim, Michael e Marielle Franco: memórias empunhadas em cruzes



Fotografia 04. Paz e Igualdade: desejos empunhados em cruz

As cruzes eram as bandeiras políticas e, com as mãos de quem a erguia, sentidos e motivações para estar ali ganhavam formas. Encontrávamos a memória recorrente de Rafael em diversas cruzes,

pedidos de justiça por Marielle Franco, desejos de paz e de igualdade por uma outra Fortaleza possível. Encontrávamos, ainda, cruzes sem inscrições.



Fotografia 05. Erguer cruz sem inscrições



Fotografia 06. Cruzes que nos dizem sem palavras.

Inscrever em palavras no pouco espaço da cruz demanda um exercício eletivo. A ausência de vocábulos, contudo, não diminui a potência discursiva. Ao questionar as pessoas sobre as intenções de mantê-las sem palavras, as pessoas que empunham cruzes sem textos tecem histórias que se desenrolam sobre vividos

e expectativas, sobre memórias e sonhos tantos que não cabem e tampouco merecem serem sobrepostos. A cruz sem palavras, assim, é um texto visual sobre os desejos de tudo que lhes foi subtraído, é uma reivindicação afetiva que nos confronta com os signos da ausência.



Fotografia 06. Cruzes que nos dizem sem palavras.

O menino, acompanhado pelos pais no ato, recebeu a cruz e dirigiu-se ao balanço. Ao fim do ato, nada ainda tinha escrito. Ao indaga-lo, ele me explicou que passou muito tempo se balançando para decidir o que colocar na cruz. Contudo, de tantas coisas possíveis, optou seguir sem palavras ao identificar que a cruz, por si só, já o dissera tudo e assim também o podia fazer para quem a confrontasse. Mantê-la sem palavras, logo, era um convite para refletir sobre o que pode vir a compô-la.

Os passos da caminhada se norteavam em manifestações políticas de líderes comunitários e de instituições da sociedade civil e tomava ritmo nos tambores de maracatus que, ali reunidos, faziam coros ao tecer a agenda política reivindicada em musicalidades. Reunindo iniciativas de diversos agrupamentos sem ensaio prévio, a caminhada se fez sob o ritmo do Maracatu em intenso intercâmbio de experiências entre adolescentes e jovens em grupos vinculados ao CDVHS, ao CEDECA e outras iniciativas comunitárias, a exemplo do BonjaRoots.



Fotografia 08. Brincantes de Maracatu do CEDECA



Fotografia 09. Ato ritmado em sons de Maracatu



Fotografia 10. Brincantes de Maracatu do CDVHS



Fotografia 11. Intervenções do BonjaRoots

Ali, nas ruas, a agenda popular por segurança pública que reivindica o fim do extermínio da juventude, que questiona as chacinas cometidas pela polícia contra corpos negros e que rememora os parentes e amigos perdidos toma forma nos corpos e nas bandeiras que

se reúnem. Algumas famílias traziam pipas juntas as cruzes para expressar as brincadeiras comuns de meninos assassinados, grupos de militância traziam bandeiras de movimentos sociais.



Fotografia 12. Homem trans empunhando a cruz em memória de Dandara, mulher trans brutalmente assassinada em Fortaleza.



Fotografia 13. Adolescente gay empunhando a bandeira LGBT do Grupo de Resistência Asa Branca.



Fotografia 14. Cruzes que aterram, pipas que voam para lembrar dos que se foram.

As fotografias aqui dispostas são composições possíveis a partir das interações entre fotógrafo e agentes outros enredados na manifestação política e, nisto, temos nas imagens dispostas a inscrição visual dos encontros vividos por mim e com outras e outros no emaranhando com o campo. Não intenciono, com elas, totalizar o ato em um relato homogêneo. As ruas em movimento são deveras imprecisas e o conjunto de pessoas em trânsito que dão vida ao ato o tornam imensurável. Logo, tais imagens não são tomadas como uma documentação do ato; mas são depoimentos afetivos sobre as interações ali praticas.

Não proponho, aqui, uma discussão pormenorizada de natureza simbólica ou discursiva contida em cada imagem por entender que são produções realizadas sob intencionalidade que se volta à experiência, aos trânsitos em detrimento do aspecto estético. Nisto, amplio o convite ao diálogo a fim de denotar a coexistência de outras inferências e imaginários conjugados por quem também praticou esta experiência social.

As fotografias expostas, para além de retratos da territorialidade, conjugam uma faceta sobre as práticas sociais e política inerentes a um ambiente complexo e notório em contradições características de uma metrópole. Logo, não são totalizantes. Ainda que a minha atuação profissional no território permita a interação com os sujeitos em manifestação, trata-se de um ponto de vista deveras particular que localiza uma parcialidade, que revela impregnações das afetações. Não à toa, experiências de pesquisa de outros sujeitos calcadas em processo fotográfico podem revelar outros tonais para perceber a Caminhada pela Paz, a Fortaleza e as pautas políticas agendadas em processos insurgentes.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Adriano. Comunidade de comunidades: Grande Bom Jardim. In: CARLOS, Caio; AMORIM, Ícaro. *Grande Bom Jardim em perspectiva: pesquisas acadêmicas e exercícios críticos*. Fortaleza: CDVHS, 2018.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ - ALCE. *Relatório de 2018 do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência*. Fortaleza: ALCE, 2019.

FREITAS, Clarissa et al. Mobilização comunitária em torno da luta por moradia digna: a ZEIS do Bom

Jardim. In: CARLOS, Caio; AMORIM, Ícaro. *Grande Bom Jardim em perspectiva: pesquisas acadêmicas e exercícios críticos*. Fortaleza: CDVHS, 2018.

MAGNANI, José. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2002, v. 17, nº 49 pp. 11-29. Disponível em scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/. Acesso em 03ago2021.

MARTINS, José. *Sociologia da Fotografia e da Imagem*. São Paulo:Contexto, 2016.